

A MUSICOTERAPIA EM MOVIMENTO COM PACIENTES DA CASA VIDA DO INSTITUTO DO CÂNCER DO CEARÁ (ICC)

Luiz Carlos Belizário Filho ¹

Jáderson Aguiar Teixeira ²

Resumo

O presente artigo apresenta propostas da musicoterapia no cuidado paliativo de pacientes com câncer do Instituto do Câncer do Ceará (ICC). Para tanto, discorre sobre a musicoterapia como ciência e como recurso para favorecer o bem-estar de pacientes oncológicos, abordando as técnicas mais favoráveis ao referido tratamento. As fundamentações referenciais, os objetivos e as técnicas em musicoterapia estão em consonância com as concepções de Alcântara (2012), Lia Rejane (2009) e Brucia (2000). A presente pesquisa experimental, desenvolvida na Casa Vida do referido instituto, apresenta dados que afirmam, através de relatos de experiência, a validade do papel da musicoterapia no cuidado paliativo.

Palavras-chave: Musicoterapia, Cuidado Paliativo.

Introdução

O resultado interdisciplinar das atividades terapêuticas vinculadas às ciências da saúde e à música enquanto arte vinculada às ciências é a musicoterapia. Segundo Alcântara (2012), esta pode ser indicada para o alívio de dor em pacientes oncológicos.

A ciência da musicoterapia³ utiliza a música e os seus elementos por um profissional qualificado para recuperar, desenvolver e organizar a função física,

¹ Especialista em Musicoterapia Clínica pela Faculdade Padre Dourado, especialista em Arte-Educação para o Ensino da Música pela Faculdade de Tecnologia Darcy Ribeiro, professor de piano e canto erudito do Círculo de Pais de Alunos do Colégio Militar de Fortaleza, luizcarlosbelizariofilho@hotmail.com.

² Doutor em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC), professor de Solfejo e Harmonia no Curso de Licenciatura em Música da UFC, jaderson@ufc.br.

³ WORLD FEDERATION OF MUSIC THERAPY INC, 1996.

mental e espiritual do indivíduo. Pesquisas da *Nature Neuroscience* (2011)⁴ apontam que isso ocorre porque a escuta da música provoca no cérebro a liberação de dopamina, um neurotransmissor que ajuda a promover uma sensação de bem-estar nos indivíduos.

Além disso, a música tem o poder de associar memórias subjetivas ao evocar várias situações emocionais, ainda que uma alusão simples à oposição entre alegria e tristeza resultasse reducionista. Ruud (1998, p. 85-99) afirma que todos os fatos da vida do indivíduo poderiam ser narrados pelas músicas que comporiam sua “trilha sonora”: única, singular, a marca de sua identidade. Quando a música medeia associações cognitivas com memórias agradáveis, abre-se um canal que melhora o humor e ajuda na diminuição de estresse.

A pesquisa que segue é um relato de experiência em musicoterapia no cuidado paliativo que ocorreu nos anos 2015 e 2016 na Casa Vida, no núcleo de apoio a pessoas com câncer do Instituto do Câncer do Ceará (ICC). As concepções acerca da musicoterapia de Alcântara (2012), Lia Rejane (2009) e Brucia (2000), dentre outros autores, reforçam os critérios do trabalho: avaliar de forma qualitativa⁵ e identificar o papel da musicoterapia no cuidado paliativo do paciente com câncer. O procedimento adotado consiste em uma pesquisa experimental que busca descobrir meios para a problemática da dor nos pacientes e a relação deles com a musicoterapia de forma a transformar o cenário da Casa Vida do ICC.

Ademais, discorreremos sobre o cuidado paliativo e a sua origem epistemológica, bem como sobre a musicoterapia paliativa e o seu papel junto ao paciente com câncer. Mais adiante, trataremos das experiências

⁴ Disponível em: <<http://www.nature.com/neuro/journal/v14/n2/full/nn.2726.html>> Acesso em: 03 abr. 2017.

⁵ Cf. Gil (1991 p.133).

musicoterapêuticas na Casa Vida do ICC e dos resultados que demonstram a sua eficácia, movimentando a dor do paciente oncológico.

Musicoterapia no cuidado paliativo

O cuidado paliativo teve início no século XX, em Londres, pela Dra. Cicely Saunders, que percebeu nos doentes a necessidade de atenção específica e de conhecimento médico para o tratamento da dor, bem como de atenção às necessidades espirituais. Daí surgiu o termo “cuidado paliativo”. Os cuidados paliativos foram definidos pela Organização Mundial de Saúde em 2002 como uma abordagem ou tratamento que melhora a qualidade de vida de pacientes e familiares diante de doenças que ameacem a continuidade da vida.

Segundo Bruscia (2000), na musicoterapia paliativa, o terapeuta e o cliente trabalham juntos durante um período de tempo utilizando as experiências musicais e as relações que se desenvolvem a partir delas como um meio para examinar e trabalhar as questões que emergem durante os estágios terminais.

Segundo Alcântara (2012), essas experiências envolvem emoção, podendo criar e manter ambientes que proporcionam estabilidade e segurança.⁶

O relato que segue foi retirado de relatórios⁷ em musicoterapia relativos a atividades na Casa Vida do Instituto do Câncer do Ceará.

⁶ Cf. Bruscia (2000 p. 131).

⁷ Luiz Carlos Belizário Filho. Relatórios para a supervisão de Musicoterapia – Instituto do Câncer do Ceará. Sob supervisão de Profa. Nydia do Rego.

As experiências musicoterápicas na Casa da Vida

A Casa Vida é um núcleo de apoio do Instituto do Câncer do Ceará (ICC), que recebe pacientes oriundos do interior do Ceará os quais não têm local para ficar enquanto fazem o tratamento no Hospital Haroldo Juaçaba. Tendo espaços amplos, essa casa dispõe de um belo jardim com ventilação e vista para um lago, local onde a coordenação da casa sugeriu que se realizasse o trabalho para um melhor atendimento. De novembro de 2015 a março de 2016, foram atendidos cerca de 150 pacientes. Em geral, cada sessão teve duração de 50 minutos, atendendo cerca de 20 a 30 pacientes.

Os atendimentos acontecem em três etapas: aquecimento, execução da técnica e processamento da vivência. As técnicas de musicoterapia utilizadas foram as interativas e as receptivas. Na técnica interativa, o paciente participa ativamente no fazer musical, tocando um instrumento. Na receptiva, o paciente escuta composições.

Na tentativa de considerar o que Brucia (2000) chama de musicoterapia paliativa, foram levadas em conta as preferências musicais de cada paciente. Muitas vezes, não estando possibilitado a participar de uma determinada técnica, o indivíduo é convidado a escolher outra atividade, a que esteja mais apto ou por que tenha mais afeição.

Invenções musicais na técnica de musicoterapia interativa

O objetivo da musicoterapia interativa é ajudar o sujeito a encontrar ensejo para obter um momento de catarse, mobilizando seus discursos e memórias através da música, gerando a possibilidade de expressão dos aspectos que causam

estresse devido a conflitos existenciais que seu estado provoca.

A sessão de musicoterapia do dia 11 de novembro de 2015 na Casa Vida foi marcada pela técnica de improvisação, em que cada paciente poderia, naquela tarde, recriar e improvisar sua música trazendo sua história de vida.

A improvisação se aplica a todo [fazer sonoro] que pode promover a expressão e “descarga pessoal”. Assim, a desinternalização de materiais e estruturas utilizadas permite que se conheça melhor e mais rapidamente a pessoa que improvisa, ao mesmo tempo em que lhe traz um efeito benéfico, resultado da ação expressiva e comunicativa (Barcellos, 1992, p. 27).

Foi solicitado a cada um que pegasse um instrumento disponível e tocasse aquilo que quisesse, por ordem sucessiva. O objetivo dessa sessão era interagir e estabelecer relação interpessoal. No momento da improvisação musicoterápica, cada participante expressou-se por meio do som do instrumento. Nenhum paciente era músico, mas a técnica de improvisação musicoterápica utilizada se tornou um canal de comunicação e expressão musical para a socialização e integração do grupo. No momento dialógico do processamento dos conteúdos vivenciados, todos ficaram agradecidos. Afirmaram que a música proporcionou ânimo para enfrentar aquela semana.

Técnica receptiva em musicoterapia

Para Brucia (2000), nas experiências receptivas, o sujeito ouve música e responde à experiência de forma silenciosa, verbal ou através de outra modalidade. Nessa técnica, a utilização da escuta musical meditativa provoca processos imagísticos para a contemplação de uma ideia. Em particular, a música serve como pano de fundo para a experiência.

Um exemplo de utilização da técnica receptiva aconteceu com o Sr. José

(nome fictício), que estava sob o efeito estressante da radioterapia, sentindo muita dor. Vivenciou intensamente as propostas solicitadas em uma das sessões. Foi solicitado que visualizassem a figura de alguém querido, que ajudaria a compreender o que significavam os dados sonoros captados, as paisagens que vivenciavam, e que ficassem atentos às sensações após o início da música. Nesse momento, foi colocado o 1º movimento da 5ª Sinfonia.⁸

Após a experiência da audição, todos puderam fazer um processamento otimista do que sentiram na experiência. O Sr. José, que, horas antes do momento, estava com dores por conta da radioterapia, disse que imaginou a figura de um maestro que se assemelhava a um ícone religioso (Jesus) e que sua música fez cessar a dor. José, então, disse ter entendido que, por trás de toda dor e dificuldade, poderia haver alegria.

Resultados das experiências

Em uma escala de dor 0 a 10 utilizada no período do processo musicoterapêutico, cada paciente apresentou sua satisfação por ter vivenciado a musicoterapia. Dos 150, 99% deram 10, resultando numa melhoria dos sintomas da dor. O processo ajudou a superar aquele momento pelo qual passavam. 1% dos pacientes deu nota 5, em que o grau de satisfação melhorou 50%.

Percebe-se ainda que, justamente em meio ao sofrimento e às doenças que ameaçam a vida, a musicoterapia ajuda no processamento de um novo sentido de vida. Também é interessante perceber que o nível de ansiedade dos pacientes no processo de tratamento foi diminuindo no decorrer dos atendimentos. A

⁸ A escolha da 5ª sinfonia foi influenciada pelos resultados obtidos nas últimas pesquisas feitas com pacientes com câncer de mama na UFRJ. Disponível em: <http://www.oncobiologia.bioq-med.ufrj.br/noticias_onconews_detalhes.asp?id=417> Acesso em: 10 maio 2017.

utilização da musicoterapia receptiva fornece um detalhamento de imagens para um encontro pessoal consigo mesmo. Foi o que se percebeu após a experiência de audição musical por meio da técnica receptiva. A alegria e a receptividade de cada paciente testemunham uma aceitação clara e contínua do que a vida pode proporcionar por meio da música. Nesse momento, o sujeito toma o seu instrumento e, de forma atuante, entra no processo do fazer musical, distanciando-se, assim, de sua dor.

Considerações finais

Confirma-se o papel da musicoterapia na promoção da qualidade de vida das pessoas que vivem com doenças que ameaçam a vida. Sugere-se o reconhecimento da importância de sua inserção em outros espaços de tratamento.

Sob a perspectiva de um olhar científico, as técnicas receptivas, fundamentadas nas práticas cotidianas e na literatura específica, apontam para a necessidade de ampliar pesquisas e, conseqüentemente, o campo de utilização da musicoterapia. Contudo, foi por meio da técnica receptiva que os sujeitos se mostraram abertos às mobilizações de seus conteúdos internos e externos, retirando o foco da dor e elevando-se para a experiência musical.

REFERÊNCIAS

- ALCANTARA-SILVA, Teresa Raquel de Mello. **Estudo randomizado testando musicoterapia na redução da fadiga relacionada ao câncer em mulheres com neoplasia maligna de mama ou ginecológica em curso de radioterapia**. Goiânia, 2012.
- AGÊNCIA NACIONAL DE CUIDADOS PALIATIVOS. Disponível em: <<https://www.paliativo.org.br/cuidados-paliativos/o-que-sao/>> Acesso em: 02 set. 2021.
- BRUSCIA, K. E. **Definindo musicoterapia**. Trad. Mariza Conde. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
- BARCELLOS, Lia Rejane Mendes. **A música como metáfora em musicoterapia**. Rio de Janeiro, 2009. 244f. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- _____. **Caderno de Musicoterapia 1**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1992a.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.
- RUUD, Even. **Caminhos da musicoterapia**. São Paulo: Summus, 1990.
- _____. **Music Therapy: Improvisation, Communication and Culture**. Gilsum: Barcelona Publishers, 1998.